

LUÍSA, UMA PERSONAGEM EM BUSCA DE UMA NARRATIVA

Vera Filizola

O *primo Basílio* é um romance de tese, de combate, que procura transformar a sociedade burguesa lisboeta do final do século XIX, tendo como base a convicção realista, maniqueísta, de que era detentora do Bem, em nome do qual lutava contra o Mal. Ao procurar fazer um diagnóstico das mazelas sociais onde as personagens são fruto da herança social, das circunstâncias históricas da época e do ambiente que as envolve, Eça de Queirós segue o lema: “Crítico para corrigir e ensinar.”

Através de uma narrativa em 3ª pessoa, o romance conta a história da jovem Luísa, de seu casamento com Jorge, de como traiu o marido com o primo Basílio e de sua morte prematura.

Assim como o romance, Luísa foi alvo de críticas sobre as fragilidades que envolvem sua concepção e seu caráter. Comparações com *Madame Bovary* e *Emma*, criações de Flaubert, popularizaram-se e desgastaram a originalidade de Eça.

Nossa leitura dessa personagem partirá da observação de que a narrativa através da qual a acompanhamos foi engendrada e articulada por um narrador onisciente, demiurgo, senhor absoluto do universo ficcional que, além de tudo e principalmente, concentra em si ideias estereotipadas sobre a mulher, ideias essas identificadas com as do autor, sob a influência das correntes filosóficas e sociais do século XIX. Mesmo protagonista, Luísa não tece sua narrativa, por não ser reconhecida sua capacidade de fala própria e de discurso próprio. Inclui-se, assim, entre as personagens femininas silenciadas por regras sociais patriarcais que as empurram para as sombras.

Por um longo período, foi reservado à mulher um espaço restrito e controlado, em decorrência da sua condição de ser perigoso e inferior, biológica, intelectual e moralmente. Inapta para o saber, durante muito tempo, foi julgada incapaz para discernir, para tomar decisões, daí a palavra ser do homem.

Sem linguagem, ela perde também a condição de se colocar como identidade, uma vez que “é dentro e por meio da linguagem que o homem se constitui como um sujeito, porque só a linguagem estabelece o conceito do ego na realidade.” (Hutcheon,1991)

As tentativas de se fazer ouvir e ser percebida como sujeito, de não se submeter ao jogo social e, conseqüentemente, ter voz e encontrar a própria linguagem são, em Luísa, frágeis, inconsistentes, mas, mesmo assim, serão pontuadas aqui, por atestar a presença de uma oculta densidade psicológica na personagem, que lhe daria poderes sobre sua narrativa.

Construída a partir da ideia do duplo – mulher anjo/mulher demônio -, num primeiro momento, que compreende o início do romance, antes do reencontro com Basílio, Luísa nos é apresentada como um ser estático, consubstanciando o paradigma da mulher ideal para aquela época, que deveria ser assexuada, passiva, recolhida, frágil, silenciosa, obediente, conformada, modesta, recatada e, sobretudo, não demonstrar conhecimento superior ao do homem. Essa faceta emerge na personagem, predominantemente, diante do marido e no microcosmo social que a envolve, formado pelos amigos íntimos de Jorge que frequentam as reuniões promovidas por ele. Há uma sutil inadequação entre ela e aquele grupo. A solidão de Luísa é calada, e ela se refugia no mundo romântico dos livros que lê como a compensar uma insatisfação com a ociosidade do cotidiano. Mesmo desempenhando o papel de mulher anjo, Luísa é alvo da vigilância de Jorge, pois ela “tem coisas em que é criança! [...] não reflexiona. É preciso alguém que a advirta, que lhe diga: - Alto lá, isso não pode ser!” (PB – pág.39)***

Do ponto de vista da lógica patriarcal, a mulher não é confiável, ou porque é ingênua ou sem maldade (infantilização) ou porque traz em si, como condição natural, o desejo de experimentar novas sensações que lhe são proibidas (demonização). Isso implica a crença de que a mulher, deixada sem vigilância, não respeitaria o princípio básico da honra masculina, isto é, não respeitaria o princípio do pudor feminino.

Com Leopoldina, amiga dos tempos do colégio, surge uma Luísa espontânea, atenta e desenvolta. A amiga não faz parte do seletivo grupo de Jorge, por viver livremente suas aventuras amorosas. Leopoldina não fantasia, realiza seus desejos com a alegria sem culpa de

quem não tem amarras. Luísa sente por ela uma atração antagônica: admira-a, mas, às vezes, por estar presa aos paradigmas do que é lícito ou permitido, achava-a “indecente”. Apesar da interdição do marido, Luísa a recebia em casa, na intimidade de sua alcova, onde conversavam animadamente.

No segundo momento do romance, presenciamos a transformação da protagonista. O retorno de Basílio, primeiro namorado, e a ausência do marido, que viajara a trabalho, desencadeiam, na vida de Luísa, mudanças irreversíveis. Para ela, o primo reveste-se da figura do príncipe encantado, personificação masculina da vida aventureira, em contraste com a sua medíocre e limitada vida lisboeta. Basílio tem o cheiro de terras distantes, o brilho dos salões parisienses, a experiência mundana sem raízes ou compromissos. “Jorge era tão caseiro, tão lisboeta!” (PB – pág. 51) Luísa se encanta com a possibilidade de libertação, de conhecer lugares diferentes e, após momentos de hesitação, entrega-se à paixão pelo homem galante, centro de sua memória afetiva, como a realizar o ideal do primeiro amor. Nessa tentativa de se encontrar através da subversão mais grave de uma mulher – o adultério –, Luísa é impedida pelo narrador, voz masculina, de tecer seu destino. Antes, submissa ao marido, como transgressora continua submissa ao amante. Basílio é o anjo exterminador. Para ele, a mulher é um objeto que tem valor enquanto conquista, serve apenas para medir seu poder de sedução. Mulheres casadas e honestas, como a prima Luísa, são as mais excitantes pelas dificuldades que apresentam e, portanto, mais satisfazem seu ego masculino.

Duas outras personagens vão adquirir importância para o trágico desenlace do romance, ambas vigiando Luísa com intenções diferentes: Sebastião, amigo de Jorge, e Juliana, a empregada, cuja complexidade psicológica a coloca como a mais instigante desse universo ficcional e merece um estudo à parte.

Sebastião, olhos e ouvidos de Jorge, tem a função de preservar a honra do amigo e, conseqüentemente, os valores do grupo social do qual faz parte. Sua discreta vigilância leva-o a desconfiar das visitas de Basílio a Luísa, enquanto Juliana, com acesso à intimidade da casa, consegue a prova da traição da patroa com o primo: uma carta. O primeiro quer abafar rumores da vizinhança, a outra, tirar vantagem da situação

em benefício próprio. Mais ousada, Juliana passa a chantagear Luísa, exigindo dinheiro, roupas do guarda-roupa da patroa e constrangendo-a a fazer o serviço da casa. Infeliz e mais solitária que nunca, nesses momentos de crise, Luísa confia apenas em Leopoldina, a quem recorre para desabafar e procurar apoio. Acreditando nos sentimentos do primo, procura-o para, juntos, formarem um casal longe dali, mas é rejeitada; sem dinheiro, joga na loteria para se livrar da chantagem; pensa em entrar para um convento. Em desespero, aceita a sugestão de Leopoldina de encontrar-se com um homem rico que, em troca de favores sexuais, lhe daria o dinheiro para pagar Juliana. Luísa, no entanto, reage àquela situação, indignada, firme e decidida: descarrega naquele homem a, até agora silenciosa, revolta por aquele mundo que a oprime e a anula – “[...] revolvida por uma cólera frenética, atirou-lhe chicotadas rapidamente pelos braços, pelos ombros – muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, gozando uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda.” (PB – pág. 235)

Finalmente, Luisa busca a ajuda de Sebastião, que concebe um plano a fim de resgatar a carta de Juliana, evitando que o segredo seja revelado, evitando, portanto, que a honra de Jorge seja maculada diante da sociedade. Pressionada, inclusive pela polícia, sozinha em casa dos patrões, Juliana sofre um ataque cardíaco e morre. Esgotada, Luísa, que já apresentara sintomas de debilidade física, piora. O perdão de Jorge, que chegara da viagem e tomara conhecimento da traição, não contribui em nada para sua convalescença. Luísa morre de uma febre mental, com a cabeça raspada, sem nenhum sentido como realidade médica observável.

Se o narrador, representante das ideias patriarcais oitocentistas, pretendeu traçar o retrato de uma mulher frágil, irresponsável, inferior e sem qualquer possibilidade de recuperação para a sociedade, só merecendo a morte como perdão, para nós interessa o cerceamento a que foi submetida a protagonista para a aquisição de voz própria, de gerar suas palavras e ideias e poder falar de si mesma e de suas necessidades.

Buscando a transgressão do código moral no plano da sexualidade, como um portal para a sua transformação identitária, Luísa não percebeu que só isso não seria suficiente, uma vez que continuou sem discurso e ficou a repetir o discurso do “outro”. Na tentativa de per-

correr trilhas de desconstrução dos referenciais de dominação patriarcal, ela caiu na armadilha de não mais poder frequentar os espaços públicos com dignidade e de viver o peso da marginalidade, pois retomar sua condição de esposa com uma conduta condizente às promessas de fidelidade e companheirismo tornara-se impossível.

A vontade do narrador em apresentar Luísa como a personificação da tendência mórbida de uma época, como produto de uma visão determinista que concebe o ser humano resultado da relação raça, meio e momento destruiu a individualidade da personagem e negou-lhe qualquer êxito nas tentativas de construir, ela mesma, sua narrativa.

Luísa morreu sem discurso, não conseguiu construir sua história.

Na memória dos amigos de Jorge, ela ficou como “a casta esposa tão cedo arrancada às carícias do seu talentoso cônjuge. [...] a virtuosa senhora, que em sua folgazã natureza era o encanto de quantos tinham a honra de se aproximar do seu lar!” (PB – pág.286)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **HUTCHEON**, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- **MEDINA**, João. *Eça de Queiroz e a geração de 70*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- **QUEIRÓS**, Eça. *O primo Basílio*. São Paulo: Ática, 1981.